



CAMINHAR É UM VERBO INTRANSITIVO

Tiago Schipanski¹

Estou a caminho. Não lembro ao certo o que buscava quando comecei a caminhar, mas, continuo andando. Não sinto a adrenalina da corrida, nem o desespero da inércia. Caminho.

Por vezes julguei uma perda de tempo. Se tudo que vir a ser será, então, que me encontre. Mas me aborrecia esperar. Também o medo de futuramente sentir falta de calos nos pés.

Eu quis acompanhar a multidão. Achei bonito como soavam vários pés pisando o mesmo chão, juntos. A mescla desse som com vozes e risos. Risos. Não se pode rir sozinho. Conversar, talvez. Mas confesso que, no meu caso, quase sempre falta assunto. Decidi não esperar parado e travei uma luta contra a inércia. Enquanto me demorava comigo mesmo, fiquei só. Já estava só antes. Sempre estava só. De novo, apenas perdi uma oportunidade de companhia. De novo.

Mas estou andando. Devagar, mas, andando. Não caminho na velocidade suficiente para alcançar quem partiu antes de mim. Nem os vejo. Começo a duvidar se, de fato não estou sozinho. Outra vez sozinho, mas, andando.

Não aspiro poeira, não escuto vozes, nem vejo sorrisos. Respiro e ouço minha respiração. Ouço meus passos e olho para meus pés. Estão inchados. Faz tempo que ando e, entretanto, ainda lembro dos primeiros passos.

Chorava com a sensação de impotência. Os punhos fechados, os cotovelos afundando o colchão, o tronco dobrando; a cabeça se projetando para frente e as pernas firmes. Um impulso e, uma resposta inesperada. Voltava a cair de costas onde estava. Chorava. Me sentia preso e impotente. A sensação se agravava ao observar, com a visão turva, o teto entre uma piscada e outra.

¹Licenciado em Filosofia pela Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR), campus União da Vitória - área de interesse: Estoicismo; Pós-Graduação em Metodologia do Ensino de Biologia (em andamento); Curso de Criação de Games (em andamento).

Minha relação com o piso era diferente. Podia tocá-lo. Retribuindo as carícias ele me conduzia. A liberdade é leve, embora mover todo o corpo fosse bem mais custoso do que movimentar apenas os olhos. Foi nessa época que comecei a sorrir. As vezes em que, por descuido ou desequilíbrio, tombei renderam outras lágrimas. Porém, é mais fácil se livrar delas quando se está olhando para baixo.

Foi observando meus pés andando que lembrei disso. Quando ergui a cabeça lembrei daquilo. Estava olhando o céu. Ou esperando que ele olhasse para mim? Não sei. Talvez estivesse pedindo ajuda. Às vezes me sinto impotente.

Continuo andando e me divertindo com isso. Desejei por tanto tempo deixar de estar parado que só o fato de andar me faz bem. Devagar, mas ainda em movimento.

Faz tempo que não corro. Corri bastante envolto em fantasias e, algum tempo depois, atrás delas. Às vezes sinto a falta ou a necessidade do vento na cara, do tapa na cara. Mas resolvi andar devagar.

No momento nenhuma paisagem chama a minha atenção. Nada, além dos meus próprios pensamentos, me distrai. Não sinto a adrenalina da corrida ou a adrenalina de estar perdido. Já descobri para onde vou e, apesar de irrelevante, essa informação me deixa mais leve. Movimento as pernas e braços com a facilidade com que mexo os meus olhos.

Dar o primeiro passo é difícil, porém, acredite: é mais fácil do que dar os passos seguintes. Mas sigo caminhando. Só, devagar, mas ainda em movimento.